



O Jornalismo de Desacontecimentos: Um Estudo da Produção Noticiosa de Eliane Brum¹

Tayane Aidar Abib²
Mauro de Souza Ventura³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo propõe um estudo da produção jornalística de Eliane Brum, tomando como corpus de análise os livros “A Vida que ninguém vê” e o “Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, duas obras que reúnem textos publicados no jornal Zero Hora e na Revista Época, respectivamente. Com isso, tem-se por objetivo compreender de que forma o jornalismo de Brum se diferencia dos registros de uma mídia convencional, orientada por valores-notícia que indicam as posturas a serem adotadas na produção jornalística. A partir do estudo das temáticas presentes nas reportagens Brum, busca-se identificar seus critérios de noticiabilidade e o seu conceito de notícia, além de desenvolver uma análise narrativa de seus textos. Este artigo se ocupará, portanto, em verificar a possibilidade da existência de valores e técnicas jornalísticas que destoam dos procedimentos da mídia tradicional.

Palavras-chave

Jornalismo; Reportagem; Valores-notícia; Eliane Brum;

Introdução

Da escolha da pauta à publicação da reportagem, perpassando os processos de contato com as fontes, entrevista, apuração e escrita, o jornalismo de Eliane Brum se revela distinto do praticado pela mídia tradicional em cada etapa da produção jornalística. Com uma linguagem característica, resultante da intersecção entre jornalismo e literatura, e técnicas de reportagem diferenciadas, Eliane assume-se como uma repórter de desacontecimentos.

Sustentando-se em tal definição, o presente artigo busca analisar e entender de que forma o jornalismo de Brum se diferencia dos registros de uma mídia tradicional,

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação 5º Semestre do Curso de Jornalismo da FAAC – UNESP, e-mail: tayaneaabib@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAAC-UNESP, email: mauroventura@faac.unesp.br



orientada por valores-notícia e por um fazer jornalístico que indicam as posturas a serem adotadas em cada fase de produção jornalística.

Pretende-se, portanto, desenvolver um estudo sobre a caracterização dos critérios de noticiabilidade de Eliane Brum, buscando conceituá-los, com a finalidade de compreender a prática de seu jornalismo em cada etapa do processo produtivo, tendo como objeto de estudo duas de suas obras que reúnem uma seleção de seus escritos para dois meios de comunicação: “A Vida que Ninguém Vê”, em seu período de trabalho no jornal Zero Hora, na década de 1990, e o “Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, na revista Época, durante os primeiros anos de 2000.

Para dar início a análise, recorre-se à formulação de Sodré (2009:33), segundo a qual um acontecimento   “a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informa o, o conceito de fato”. O acontecimento, portanto, define-se como um desdobramento do fato, que aborda um conjunto de normas e conven es discursivas e corresponde a critérios como os de noticiabilidade.

Tais critérios, de acordo com Traquina (2005) são as unidades essenciais da cultura jornalística, responsáveis por determinar se um acontecimento   susceptível de se tornar notícia. Os valores-notícia, desta forma, nada mais são do que o resultado de um consenso entre a tribo jornalística, que determina a importância ou não de um assunto como notícia. Os fatos não-marcados, aqueles descartados, não significariam fatos sem importância social, mas sim fatos não imediatamente relevantes para “o cânone da cultura jornalística”.

Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma sele o e uma constru o daquilo que   selecionado (BOURDIEU, 1997:12).

Por não partilhar dos mesmos valores da comunidade jornalística, Eliane Brum distingue-se por possuir “ culos” que veem as outras coisas, as ignoradas pelo grupo de m dia tradicional. Praticando um jornalismo centrado na apropria o de fatos não-marcados, Brum constrói uma concep o jornalística pautada pela antinot cia, interessada nas histórias rotineiras de gente comum. Histórias essas que não recebem destaque na lista de valores-notícias, seguidos   risca pela grande imprensa, e propostos pelas teorias do jornalismo.

Neste estudo, o foco de análise recairá sobre os valores-notícia de sele o, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem   avalia o direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia. A produ o jornalística de Eliane



Brum será aplicada a cada valor destacado, com o objetivo de evidenciar as divergências entre seu jornalismo e o compartilhado pela tribo jornalística. Em última instância, o que se pretende comprovar é a existência de uma Teoria do Jornalismo de Eliane Brum, com critérios noticiosos e etapas de produção próprios.

Critérios de noticiabilidade: as divergências entre a prática jornalística de Eliane Brum e o modelo aplicado pela mídia convencional

Apresentada a proposta do artigo, o foco de estudo recairá sobre os valores-notícia destacados por Traquina (2005), seguidos de análise comparativa do modelo praticado por Eliane Brum. A finalidade deste método é evidenciar as divergências técnicas e interpretativas entre o jornalismo de Brum e o de grandes veículos de comunicação.

O primeiro valor-notícia a ser destacado é o da morte, a razão que explica o negativismo do universo jornalístico. Segundo Traquina, a comunidade jornalística revela grande interesse por acontecimentos que tem morte e, quanto mais morte tiver, mais noticiável o fato vai ser.

Violência não é uma novidade na programação de jornalismo da televisão brasileira. É possível percorrer toda a coleção de misérias humanas em 24 horas. A diferença é que a maioria dos programas é feita não para que possamos ver – mas para que possamos continuar não vendo. A maioria deles, com a voz do apresentador ou do repórter ao fundo apontando o que devemos ver ou como devemos ver, não mostra, esconde. Às vezes, o excesso de imagens apenas nos cega. (BRUM, 2006, p. 236).

Nas obras de Eliane Brum, a morte é abordada em três reportagens: “Enterro de pobre”, do livro “A Vida que Ninguém Vê”, “A mulher que alimentava” e “Expectativa de vida: vinte anos”, de “O Olho da Rua”. Na primeira reportagem, o acontecimento da morte de um bebê, filho que os pais Antonio Antunes e a mãe não chegaram a conhecer, é o fio condutor que leva a uma reflexão em torno da problemática da saúde pública e das condições precárias de atendimento as quais os pobres estão sujeitos.

Já na segunda reportagem, a proposta de Brum é encarar a realidade de um indivíduo que se depara com a morte, em um relato dos últimos cento e quinze dias de uma senhora, os mistérios e incertezas que assolam todos os seres humanos. Na última, o relato busca evidenciar não só a geração de garotos pobres exterminada à bala, mas também a realidade das mães desses meninos, vistas como “mães de traficantes”.



O que se percebe, desta forma, é que, ao contrário das referências da mídia tradicional, a temática da morte, para Eliane, não deve ser abordada com sensacionalismo ou tom apelativo, para impactar através de um “bombardeio” de notícias ruins. Com uma escrita sensível e sutil, o que suas descrições buscam é propor um olhar sob outro ângulo, capaz de adentrar as convicções humanas e desacomodá-las.

No critério de notoriedade, referente ao destaque ou à visibilidade que o ator principal do acontecimento tem, a distinção entre a produção jornalística de Brum e a comunidade jornalística ganha forças. A exemplo do título de sua primeira obra, “A Vida que ninguém vê”, Brum sugere um olhar jornalístico a realidades não percebidas, de resgate às histórias não evidenciadas pela mídia. Caminhando na vertente oposta a da grande imprensa, o faro jornalístico de Eliane persegue o anonimato. Distante da elite, de nome ou de posição, a prioridade da repórter é mostrar a literatura da vida real que cada indivíduo pode contar e a significância que consegue dar à sua própria vida.

Neste cenário, analfabetos, parteiras, pedintes, trabalhadores, seringueiros, mães de traficantes e tantos outros personagens, esquecidos pelos burocratas da notícia, aparecem como protagonistas do jornalismo de Eliane Brum, interessado em trazer à tona a realidade de uma sociedade que a mídia não quer ou então não enxerga.

No quesito proximidade, de busca da grande imprensa por assuntos próximos cultura e geograficamente, a jornalista destoa por procurar o oposto. Reportar o desconhecido configura-se como sua chance de combater os preconceitos, que se enraízam em uma cultura que não permite e não propaga a manifestação do diferente.

Por isso, as reportagens de Eliane, sobretudo as de seu segundo livro “O Olho da Rua”, são ambientadas em diferentes regiões do país, em um jornalismo que ilumina o mosaico cultural brasileiro. As viagens a Rondônia, Amazonas, Tocantins, Brasilândia, e outros lugares, são impulsionadas pela busca de um jornalismo cujo olhar se volta para a realidade que grande parte da sociedade desconhece. Trata-se do relato do cotidiano de grupos culturalmente esquecidos, colocados à margem.

No critério de relevância, o contraponto entre o jornalismo de Eliane Brum e o da mídia tradicional incide na diferenciação do conceito do termo para cada um. O que é notícia para Brum- as histórias da vida real - não estampam os jornais dos repórteres da mídia convencional. Enquanto a relevância para Eliane Brum está na capacidade de cada anônimo reinventar sua própria vida, para a comunidade jornalística está nos feitos e não feitos de personagens públicos, políticos e celebridades. O contraste maior reside em uma preocupação de Brum em abordar a problemática e uma postura da mídia



tradicional em somente evidenciar os fatos, em um impacto que não busca reflexão, mas apenas audiência.

Outro valor-notícia consolidado na prática jornalística atual, (Traquina: 2005), a novidade é ignorada pela prática textual de Eliane Brum, que não apresenta faro para o novo e, sim, para a rotina. Com um interesse em iluminar a vida que ninguém vê, que de tão presente no cotidiano social acaba por ser esquecida, a repórter se interessa por realidades que se repetem. A novidade, para Brum, é efêmera. Como ressaltado por Caco Barcellos no Prefácio de “O Olho da Rua”, Eliane Brum pratica um jornalismo imune ao tempo.

Ao se assumir como repórter de desacontecimentos, Eliane confirma sua preferência pelo “cachorro que morde o homem”, isto é, por trabalhadores que saem todos os dias de suas casas em busca de emprego, por pedintes que são desprezados pelas políticas públicas do país, por idosos que vivem sua velhice solitários, entre outros.

Uma vez confrontados os critérios noticiosos aplicados pela grande imprensa na prática jornalística de Eliane Brum, o presente estudo passa a admiti-la como repórter desvinculada do círculo midiático tradicional, assim iniciando uma análise de cada etapa inscrita em seus processos de produção de reportagem.

A narrativa de Eliane Brum: a materialização de sua concepção jornalística no plano da linguagem

Fugindo do lugar-comum da pauta, de assuntos e personagens que estão nas agendas das redações, as escolhas de assuntos para uma reportagem de Eliane Brum em nenhum aspecto assemelham-se a outras. A repórter enxergou o mundo recluso pela emergência da notícia ou pela máxima de que, no jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. Opondo-se aos dogmas da imprensa, a repórter defende o jornalismo da antinotícia. Interessado não na quebra da rotina, mas pelo que sempre acontece.

É no dia-a-dia de cada ser humano, e na significância que cada um dá a sua vida, que o jornalismo de Eliane Brum reside. Por isso, para Brum, em qualquer lugar é possível se encontrar uma boa história para contar, basta que se olhe de verdade para as pessoas. E tal olhar procura ser vazio, de todo pré-conceito e de todas as ideias prontas. É um olhar que deseja ser preenchido pela literatura da vida real, pela maneira como cada indivíduo se reinventa diante das adversidades de sua existência.



Ao praticar um jornalismo caracterizado por uma linguagem muito própria, Eliane Brum constrói uma narrativa que desafia os modelos tradicionais de Lead e Pirâmide Invertida, cuja estrutura de narração de fatos está amparado no grau de importância, o que acaba por padronizar as reportagens, tornando o fazer jornalístico uma produção uniforme.

Não raro é encontrar artifícios característicos a narrativas ficcionais nos relatos de Eliane. Figuras de linguagem, metáforas, comparações, sinestesia, personificação e repetições de sintagmas marcam presença no estilo de escrita da repórter. Uma escrita que se assemelha a uma música, na qual o ritmo das sensações dita a ordem dos fatos. Um ato comparado a um parto, no qual a essência de seu jornalismo transpassa o material, para modificá-lo e se modificar.

Na reportagem “A Floresta das Parteiras”, de 2000, do livro “O Olho da Rua”, a riqueza da linguagem das parteiras do Amapá e a forma como cada uma se expressa toma o lugar central da reportagem, e os artifícios literários se tornam peças fundamentais na transmissão do conteúdo jornalístico.

Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de cantigas. (BRUM, 2000, p.19).

No plano da linguagem, verifica-se, ainda, a preocupação de Eliane Brum em relação ao vocabulário de seus entrevistados. A maneira como falam é tão importante quanto suas próprias histórias de vida. Por isso, Brum não se vale de sinônimos, mas reconhece a importância, para seu texto, da escolha das palavras que cada entrevistado faz, assim reproduzindo-as. Em “A Voz”, tal percepção fica clara: “-É hoooooooouuuuje a mega-sena acumulada. R\$40 milhões. É hoooooooouuje!” (BRUM, 2006, p.120). Em “A Floresta das Parteiras: “Querida pedir a Deus o meu aposentamento de parteira” (BRUM, 2008, p.21) e “Senão, perde a valoridade” (BRUM, 2008, p.29).

Além das marcas literárias, a redação de Brum se caracteriza pela presença do narrador em primeira pessoa em algumas reportagens, demonstrando a necessidade da repórter de participar e fazer parte da história de seu personagem. A consequência para o leitor que acompanha suas narrativas é a perda do distanciamento, em uma possibilidade de pertencer e se colocar no lugar da narradora, observando o que ela viu e sentindo o que ela experimentou.

Em “O Olho da Rua”, a narração “Um país chamado Brasilândia”, narra o encontro de Eliane com Dona Eugênia, de 76 anos, benzedeira e cartomante, em uma narração-



personagem permite ao leitor ficar a par dos bastidores de uma reportagem que se faz somente das palavras. “Benzedeira e cartomante, dona Eugênia empunha uns olhos agudos, de raio X. Então, ela olha para a cinza. “E olha para mim” (BRUM, 2008, p.285).

A participação da repórter é tão importante para a narrativa que, em alguns casos, a continuidade da história só se dá a partir de sua interferência. Interferência essa que é a marca da transparência de Eliane Brum para com o seu leitor. Em “A mulher que alimentava”, do livro “O Olho da Rua”, a jornalista descreve o momento em que entrou na história de sua personagem: “Desta vez, me sinto autorizada a falar: “Ouvi tudo o que a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Nunca importou. Não é culpa sua” (BRUM, 2008, p. 404)

Dando sequência a essa linha de raciocínio e após verificar a rejeição da jornalista aos modelos de estrutura noticiosa, no plano da linguagem de Brum também é possível depreender uma prática jornalística que muito dialoga com o método de Medina (2008) sobre o diálogo possível. Ao valorizar a escuta em detrimento das perguntas, a Brum revela interesse pelo modo de ser e o modo de dizer de seus personagens, dando voz à vida que ninguém vê e rompendo o paradigma convencional de atrelar-se às fontes oficiais e desconsiderar a visão oriunda de personagens do povo, da sociedade e das fontes não oficiais.

Assim, Brum permite que sua técnica de entrevista ultrapasse “a intimidade entre o EU e o TU” e que tanto um como o outro se modifiquem, assim como propõe Medina, a repórter deixa-se envolver pelo diálogo dos afetos, reconhecendo o mundo e lhe imprimindo o toque humano, desafiando o “status tecnológico com a inventividade das pequenas histórias de vida” (Medina, 2003, p.60), e conferindo uma postura dialógica e humanizada ao fazer jornalístico contemporâneo.

Após analisar os critérios de noticiabilidade segundo estudiosos das teorias do jornalismo e compreender os processos de seleção e produção de reportagem de Eliane Brum, o que se percebe é a presença de uma concepção jornalística que difere da visão da imprensa tradicional no que diz respeito a práticas essenciais, de escolha de valores noticiosos a etapas de produção e linguagem. Em um cenário midiático comandado por posturas padronizadas, o jornalismo de Brum confirma a possibilidade de existência de uma prática que caminha na direção contrária, em busca de histórias e realidades diferentes, em busca de gente.



Considerações Finais

Aprofundar-se no estudo do jornalismo de Eliane Brum é verificar a existência de valores e técnicas jornalísticas que destoam dos procedimentos da mídia tradicional. Em um cenário noticioso cujo compasso é regido por interesses mercadológicos, a prática de Brum faz perceber a essência de um jornalismo que não se deixa corromper. Especializada em contar histórias de gente, a repórter resiste ao fazer jornalístico padronizado da grande imprensa e prova ser possível fazer um jornalismo capaz de transformar o olhar de seus leitores para o mundo.

Entender seu conceito de notícia, definir seus critérios de noticiabilidade e identificar a materialização de sua concepção jornalística em seu estilo de linguagem são os primeiros passos para se perceber a presença de uma prática de reportagem preocupada com a função primordial do jornalismo: a da mediação social. Configurada como elo entre indivíduo e realidade, a atividade jornalística contém a responsabilidade de inserir a sociedade em um cotidiano de informação e conhecimento. Uma inserção que visa levar um olhar diferente, que não apenas vê, mas enxerga. E quando enxerga é incomodado, quer mudança. Tal desejo de transformação também pode ser percebidos nos textos de Eliane Brum.

Para provar que ser repórter “não tem preço” (BRUM, 2006, p. 194), Eliane defende um jornalismo pautado em uma relação de envolvimento e transparência com seus personagens e leitores. Contrária ao uso de técnicas já consolidadas no cânone jornalístico, o único procedimento estabelecido por Brum é o de se esvaziar, ficar limpa para deixar-se preencher pela história do outro, em uma atitude recusa à objetividade total defendida pelo jornalismo convencional. O que a repórter quer é por os pés na lama, é pedir licença para entrar na vida dos anônimos, é pertencer a uma realidade até então desconhecida.

Deixar-se guiar pelos valores pré-estabelecidos da mídia tradicional é compactuar com uma prática que ignora o humano e o sensível de cada vida e de cada história. Propor-se a fazer um jornalismo baseado na observação, na escuta e no olhar é buscar os meios de dar ao leitor a possibilidade de viver a mesma realidade que a repórter está vivendo. Para transformar é preciso se sentir parte. Resgatar esse compromisso de vínculo entre cada indivíduo e entre sociedade como um todo é missão primeira da essência profissional do jornalismo e também de Brum, pois somente o encontro honesto permite o reconhecimento e a transformação.



Ao se deparar com uma pauta, questionar-se sobre a melhor forma de contribuir com o debate social é atitude essencial de um jornalista comprometido com um trabalho honesto, que envolve repórter, fonte e sociedade em uma mesma sintonia. Essa relação de interdependência é fundamental para se compreender a importância da análise da produção jornalística de Brum. Antes de buscar entender seus procedimentos e técnicas, o esforço é para compreender uma necessidade social: o ser humano é dependente da informação e dos meios de comunicação.

Um jornalismo que se deixa modelar por padrões noticiosos é também um jornalismo que se recusa a enxergar a realidade em sua totalidade. Treinada a olhar em uma mesma direção, sempre sob o mesmo ângulo, a mídia tradicional esquece-se de voltar-se a vida que está bem ali, todos os dias, sendo vista por ninguém. Tão mergulhada e acostumada a uma rotina, a grande imprensa se esquece de noticiar as histórias compartilhadas por todos, que se repetem.

“Escutadeira”, buscadora de gente e repórter de “desacontencimentos”: assim se define Eliane Brum, interessada no “cachorro que morde o homem”, preocupada em relatar o silêncio, os nuances e os detalhes da significância que cada indivíduo dá a sua própria existência. Disposta a ouvir verdades, Eliane se nega a deixar-se acorrentar pelas rédeas do cronômetro e dos preceitos editoriais. Livre de preconceitos, não de erros, a repórter sabe admitir falhas e reconhecer enganos. Sem se deixar abater pelas críticas do cânone jornalístico, a gaúcha mostra ser possível resgatar a função jornalística em um contexto tão deturpado por interesses políticos e econômicos.

Antes de fazer, Eliane é seu jornalismo. Um jornalismo visceral, que nasce de dentro e que depende de processos internos para se revelar. Um parto, que exige entrega e transparência, que tem tempo de amadurecimento. Um jornalismo que quer ser estrangeiro e não turista. Que não quer arrancar histórias, mas ser digno de contá-las. Um jornalismo que até parece utopia. Esquecido, impossível, inviável. Um jornalismo que renasce e se reinventa na prática noticiosa de Eliane Brum.

Referências bibliográficas

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed., Record, Rio de Janeiro, 2006.
MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.



- _____. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.
- OLIVEIRA, Samir. “**Eliane Brum: ser repórter é aprender a olhar e escutar**”, Sul 21, 21/abril/2012. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/2012/04/eliane-brum-%E2%80%9Cser-reporter-e-aprender-a-olhar-e-escutar%E2%80%9D/>. Acesso em 20 de julho 2012.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRE, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas Sobre A Narrativa Jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.
- _____. **As notícias e seus efeitos.** Coimbra: Minerva, 2000.
- _____. **Construindo uma teoria do jornalismo.** Disponível em: <<http://goo.gl/Xtnta>>. Acesso em: 20 nov. 2012.
- TRAQUINA, Nelson, **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** Vol. 1. Insular: Florianópolis, 2005.
- _____. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2005.